

## Literatura e crime na primeira modernidade: o caso dos *canards* franceses

SILVIA LIEBEL\*

A literatura francesa da primeira modernidade fornece uma série de imagens do crime e dos criminosos, especialmente através das histórias trágicas e da literatura de rua. Contos, baladas, discursos e *canards*, alimentados pelo espírito barroco do tempo, exibem o choque entre paixão e dogmas morais e um constante apelo ao Mal presente em cada ser humano. Relacionando diretamente ao cotidiano dos leitores as desgraças anunciadas, esta literatura fez mais do que popularizar um gênero: ela transmitiu a seus leitores um modelo narrativo que compreende as origens, o crime propriamente e a punição, com destaque notável para a última. No cenário apresentado, nenhum crime escapa ao seu castigo e todos devem estar atentos aos perigos de ceder à tentação.

Os *canards* desempenharam um papel essencial neste quadro ao reproduzirem discursos profundamente enraizados nas mentalidades sob um novo formato, acessível a um público amplo. Textos na maioria de autoria desconhecida, com poucas páginas, impressos em material barato e com pouca frequência ilustrados, os *canards* consistem em brochuras vendidas a baixo custo nas esquinas das grandes cidades francesas, como Paris e Lyon, constituindo-se no ponto de partida para a biblioteca azul. Dado o caráter descartável destas publicações, não causa espanto que seja reduzido o número de textos sobreviventes. Um total de cerca de 600 opúsculos publicados nos séculos XVI e XVII foram coletados em bibliotecas francesas e alemãs (LIEBEL, 2013), e há estimativas que apontam um número de três a quatro vezes superior a este de originais publicados (LEVER, 1993:11).

Voltados à divulgação de eventos marcantes, como calamidades, milagres, fenômenos sobrenaturais, nascimentos de monstros e crimes, os *canards* surgem ainda antes do lançamento de uma imprensa periódica na França. Estes opúsculos foram impressos de 1525 até o século XIX, alcançando seu apogeu nas duas primeiras décadas do século XVII, quando o número de narrativas criminais chega a ultrapassar os sempre populares relatos relativos ao

---

\* Professora Adjunta de História Moderna da UDESC, Doutora pela *Université Paris XIII*.

2

universo religioso. Narrando eventos recentes ou que ao menos se apresentam como tais, estes textos afirmam tratar, enfaticamente, de acontecimentos reais, citando numerosas testemunhas e mesmo a observação direta do autor. Entretanto, essa pretensa veracidade das histórias se presta a validar a narrativa, não sendo atestada em muitos dos casos.

São os *canards* criminais os textos que colocam ênfase nas ações humanas, transmitindo os acontecimentos perturbadores da ordem pública, os roubos, adultérios, assassinatos, parricídios e infanticídios. Considerando-se o período abordado, cerca de 30% dos opúsculos volta-se ao universo criminal, quantidade não negligenciável ao se verificar que quase a metade dos *canards* que sobreviveram ao tempo aborda temas ligados à religião e a fenômenos sobrenaturais, havendo ainda um expressivo número dedicado às calamidades.

A mulher desempenha um papel essencial nestas peças, as narrativas mais lastimosas, trágicas e sanguinárias do conjunto de fontes. Efeito de uma misoginia exacerbada, assim como de inquietudes próprias de uma época, tal destaque reflete o problema central da hierarquização de gêneros, exposta pelos autores durante quase um século de publicações analisadas. O número de mulheres colocadas em cena é considerável: enquanto aproximadamente 70% das narrativas criminais contam com uma mulher, os textos sem relação com o universo criminal compreendem pouco mais de 20% com uma presença feminina.

Mas mais do que sua frequência considerável nesta seleção de fontes, o destaque feminino se dá, sobretudo, em termos qualitativos: os crimes femininos costumam ser mais sangrentos, com detalhes macabros. Embora haja relatos de homens promotores de carnificinas, as mulheres lhes excedem em quantidade e em crueldade, buscando vingança de seres até então amados e mostrando-se vítimas fáceis das armadilhas demoníacas ao ceder a seus impulsos destrutivos.

O lugar reservado à mulher na literatura ocasional se inscreve na tecelagem das relações hierarquizadas do tempo. Confundida com a mulher imaginada, herdeira da literatura clássica e da produção imagética, a mulher real é a partir disso associada aos crimes os mais condenados: o infanticídio, o delito feminino por excelência a partir dos registros judiciais da época (MUCHEMBLED, 2007), mas também a morte do cônjuge e o parricídio, além da ascendência demoníaca que lhe é de longa data atribuída.

3

Exortando ao caminho da fé e da obediência, os *canards* têm início e fim pautados pela transmissão de preceitos morais, apontando as tragédias de suas protagonistas como um exemplo do que acontece àquelas que desafiam a autoridade parental e as convenções sociais. O arrependimento das condenadas é demonstrado em quase todos os *canards*, com os autores mostrando seu lamento e temor a Deus, por mais atroz que sejam os crimes cometidos e por mais obstinadas que fossem as condenadas em seus crimes. Afinal, uma confissão que expressa um arrependimento genuíno mantém abertas as portas do Céu, e um dos trabalhos dos oficiais envolvidos e do padre presente à execução é garantir que tais criminosas morram como boas cristãs, dando o exemplo aos presentes de obediência ao Rei e à Igreja.

Mesmo Anne de Buringel mostrou-se arrependida de seus crimes antes de sua execução. Quatro *canards* contendo sua história, entre 1577 e 1609, narram sua determinação em fazer seu rico e velho marido desaparecer, planejando friamente como seu amante deveria envenená-lo (*Le vray discours...*, 1577; *Le discours d'une très-grande cruauté...*, 1587; *Le Vray discours...*, 1598; *Le vray Discours...*, 1609). Não satisfeita e impulsionada pelo Diabo, ela mesma envenena seu pai, sua irmã e seus dois pequenos sobrinhos, a fim de vingar-se do que via como um favorecimento paterno à irmã e de herdar os bens familiares.

Mas como nada do que é construído sobre o mal prevalece nestes textos, o ciúme se instala no novo casamento, e ambos acabam se acusando pelos crimes cometidos, são presos e condenados. Arrependida, Anne termina tendo sua língua e punho cortados, é decapitada e suas cinzas são jogadas ao vento. Dirigindo-se às pessoas presentes em seu suplício, ela teria se mostrado genuinamente arrependida e implorado pela misericórdia divina, não sem antes instruir as crianças a obedecerem seus pais e amigos e a temer Deus.

Marguerite, de Soiran na Borgogne, é uma das poucas a manter-se resoluta na justiça de seus atos. Ao receber em casa mais uma vez seu marido bêbado, que tenta lhe bater ao ser furiosamente insultado, ela revida e acaba por matá-lo. Não satisfeita, desmembra-o e corta seus genitais, olhos, orelhas e nariz, e tenta dissimular seu crime, jogando partes do corpo no rio. Quando enfim é descoberta e condenada, todas as admoestações são insuficientes a levarem-na a pedir perdão a Deus, o que só se deve, para o autor do relato, à possessão diabólica.

*Um número infinito de histórias tanto antigas quanto modernas nos fazem ver suficientemente o quanto pode a cólera de uma mulher levada à vingança, pois*

4

*esquecendo a qualidade de seu sexo, que deve naturalmente ser doce e agradável, quando o furor torce os movimentos de sua paixão, não há nem crueldade, nem maldade, que ela não exerça: ela se torna uma Procne e uma Medéia em suas paixões borbulhantes, não perdoando nem a maridos nem a filhos. (Histoire véritable..., 1625:4)*

O caráter feminino é continuamente posto à prova nestes textos, que reproduzem a ideia disseminada da mulher como objeto de desconfiança e questionam a própria “essência” feminina. Ainda que poucos *canards* explorem a ligação entre o feminino e a feitiçaria, ele não deixa de ser relacionado ao Diabo, comumente visto como o instigador de atos tão cruéis e do próprio sentimento de vingança. Filhas de Eva, as mulheres estão sempre, naturalmente, predispostas ao Mal.

Exercendo seu poder de sugestão, um demônio impulsionou uma jovem a queimar uma abadia, matou três religiosas do convento no qual ela vivia e a instigou a matar a própria mãe, cortando-lhe a garganta (*Discours merveillable...*, 1605). Fascinado pela história, o autor não se furta a citar exemplos de outros encontros carnais entre jovens e demônios, sob a forma de homem ou animal, e as ações funestas resultantes de tal ligação.

Françoise, a jovem em questão, contra sua vontade e vocação foi enviada por seu pai a um convento aos treze anos, quando já fora procurada em casamento. O autor do texto clama aos pais para atentarem ao sentimentos dos filhos ao negociar seus enlaces, devendo privilegiar a honra e a afinidade ao dinheiro, e especificamente neste caso, a vocação. A falta desta em um ambiente austero teria aproximado a jovem do demônio que lhe oferecia companhia e a induzia a praticar o mal.

Mas assim como defendido pela doutrina demonológica do período, os demônios também se revelam agentes da punição divina nestes textos. As blasfêmias e a vaidade de uma jovem condessa flamenga, incapaz de achar seu vestido suficientemente pregueado, foram punidas por um demônio que a estrangulou e a levou aos infernos (*Histoire mirauleuse...*, 1616). A vaidade, alegadamente própria às mulheres, criticadas por sua afeição ao luxo, é constantemente apontada, assim como a ambição, jamais vista com bons olhos em uma mulher.

Como muitas outras histórias, esta teria sido presenciada por um número considerável de testemunhas, artifício comumente empregado pelos autores para assegurar a veracidade de

5

suas narrativas, por mais chocantes que estas pudessem parecer. E os crimes também são ampliados à medida em que a audiência clama por seu relato: nada menos do que 26 *canards* fizeram de Léonora Galligai, marquesa d'Ancre, a personagem mais comentada – e, possivelmente, a mais detestada.

Somando a ambição a um orgulho desmedido, a marquesa cai em desgraça junto a seu marido, primeiro conselheiro da regente Maria de Médicis. Após o assassinato do marquês, é condenada pelos crimes de lesa-majestade e queimada como bruxa, acreditando-se que suas intrigas e feitiçarias instalaram a intriga no Louvre. A influência nefasta sobre a rainha, fomentada por uma ambição irrefreável, tornaram-na conhecida nos *canards* como a Média da França.

Observa-se nestas histórias que as mulheres estão longe de serem consideradas frágeis. Vítimas apenas na minoria dos casos, elas são apresentadas como um objeto de temor, e a repetição de conselhos relacionados à educação das jovens e à necessidade de se manter as esposas vigiadas mostra não apenas o discurso dominante, mas permite antever a dificuldade em se manter o feminino sob controle.

Apesar de sujeitas à autoridade paterna e marital, na literatura de rua as mulheres acabam por enfim sobrepuja-la com uma vontade irrefreável e se esforçam para controlar seu destino, ainda que depois de um casamento malfadado. Adúlteras, vingativas, conspirando para o assassinato do marido, estas mulheres são atreladas nos textos ao lembrete de que é necessário vigiá-las constantemente, para que permaneçam no caminho do bem.

Algumas, no entanto, tornam-se criminosas em razão de desilusões, do engodo praticado por homens interessados apenas em desfrutar de seus corpos, e como resultado um dos crimes mais comuns imputados ao feminino é o infanticídio. As histórias narrando tais casos repetem um padrão baseado em mulheres jovens, solteiras, belas e de reputação impecável, seduzidas e abandonadas.

Jovens que até então eram obedientes aos pais, entregam-se à luxúria após uma promessa de casamento e, quando se revelam grávidas, vêem os amantes fugir e desesperam-se diante da reprovação social caso o escândalo torne-se público. Assim, acabam por assassinar o fruto de seu pecado logo após o nascimento e esconder o corpo, não sem antes expressar seu infortúnio, como Marguerite de La Rivière:

6

*É preciso, ó minha criatura, que eu seja mãe tão cruel e desnaturada, que no lugar de te criar com o leite de meus seios, eu te faça aleitar os últimos suspiros de tua vida, e de deitar na terra, ao invés de em teu berço! É necessário, ah!, que eu seja antes tua homicida que tua nutridora, alma inocente! É necessário que tu laves de teu sangue inocente as faltas de tua mãe, e pela morte injusta tu a protejas de sua morte merecida! (Discours tragique..., 1597:6)*

Cécile Palliet, por outro lado, não mostrou lamentar o destino de seu pequeno filho. Ela matou-o e profanou seu corpo, preparando um cozido com seu fígado para servir ao homem que a desposara em segredo unicamente para desfrutar dos prazeres carnavais, e depois casar-se solenemente com outra. Dissimulada, ela consegue fazer com que seu amante volte a visitá-la e, após servi-lo, a jovem mostra-lhe os pedaços do filho e o esfaqueia, arrancando seu coração, olhos e língua, e expondo o corpo mutilado em uma das encruzilhadas da cidade.

Ao se entregar à Justiça, Cécile não demonstra arrependimento de seu crime, e tem uma sentença “atenuada” dada sua motivação por sua honra roubada: sua cabeça é cortada e seus bens confiscados. Em suas palavras finais, clama às jovens que não se deixem levar por vãs promessas de casamentos clandestinos, um artifício usado para tirar vantagem de jovens honestas.

A crueldade feminina expressa no assassinato dos filhos também é motivada pelo desespero e, contraditoriamente, pela piedade. Mulheres assoladas pela miséria, viúvas ou vítimas de uma marido dado ao jogo, acabam por estrangular seus filhos simplesmente por não terem do que lhes subsistir e não suportar vê-los clamar por comida. A esta a piedade dos autores é estendida, clamando pelo cuidado devido às famílias, assim como condenam pais excessivamente rigorosos, que entregam suas filhas em casamento sem considerar a inclinação de seus corações, mas apenas o bolso do prometido.

Este é o caso da jovem apresentada como filha do senhor de Mont-Croisié, em *canard* de 1609 (*Histoire nouvelle et prodigieuse ...*, 1609), e mais tarde como filha do senhor de Valbony, em *canard* de 1624 (*Cruauté d'une jeune demoiselle...*, 1624). Apaixonada e correspondida, tem suas esperanças destruídas quando seu pai, a despeito de seus protestos, força-a a se casar com um velho sem tradição e honra, mas abundante em riquezas. Sofrendo em um casamento indesejado e com um marido que se torna um tirano, possesso por ciúmes, a jovem, influenciada pelo Diabo, mata o pai enquanto ele dorme.

7

Apesar da simpatia concedida a algumas das protagonistas dessas tragédias, as mulheres apresentadas nestes *canards* são tomadas como um exemplo negativo para as jovens de seu tempo, julgadas como frívolas e pouco tementes. Possuídas pelo diabo ou simplesmente deixando-se levar pela luxúria, estas mulheres raramente despertam a piedade ou escapam à punição merecida.

Ao enfatizar o arrependimento das condenadas, cujas palavras finais são quase sempre transcritas nos *canards*, estas fontes colocam-se a serviço da hierarquia, reforçando a obediência às convenções sociais, embora permitam antever a ruptura dessas estruturas. Não é aqui buscada a vinculação destas histórias com a realidade, mas como os textos se apresentam como relatos genuínos e são assim tomados por parte de seu público, revelando a apreensão social do crime e da criminoso.

Exceções são esperadas, como o burguês parisiense Pierre de L'Estoile, ávido colecionador que reconhecia as histórias reeditadas, mas não deixava de comprá-las e de se interessar pelos crimes cometidos em sua própria vizinhança. Os casos corriqueiros de adultério, reportados em seu jornal, são publicados conjuntamente aos nem tão comuns casos de bestialidade, que resultam na gestação de monstros, e incesto. Dando créditos a algumas histórias e repudiando outras, L'Estoile não deixou de expressar sua fascinação por estas narrativas sangrentas.

Assim, não é o fator real dos textos que lhes dá importância, mas o fato de se apresentarem como tais, de divulgarem as novidades e escândalos e satisfazer a curiosidade dos leitores quanto a crimes extraordinários. O que essencialmente não difere da exposição mediática que determinados crimes recebem atualmente.

Mas mais do que atender a um voyeurismo, estes textos contribuíram para a divulgação de padrões de comportamento a uma ampla audiência e para o reforço das estruturas patriarcais. As tentações apresentadas às mulheres nos textos não variam daquelas presentes no cotidiano e que surgem em um casamento infeliz, com um marido abusivo ou omissivo, com o escândalo resultante de um filho fora do casamento, especialmente nascido de uma jovem de posição social invejável.

E, assim como as tentações estão por toda parte, a vigilância também. Nenhum crime escapa à punição e os castigos das criminosas são detalhados, expondo, sobretudo, seu remorso e exortação a um comportamento recatado, obediente e dócil. Impregnados por uma

8

intenção disciplinadora, estes ocasionais bastante simples em sua forma têm grandes ambições. Eles apresentam como o comportamento desviante permanece sujeito a uma perseguição crescente e implacável sob a justiça do Antigo Regime.

#### Referências:

*Cruauté d'une jeune damoiselle, a l'endroit de son propre pere, mariée outre sa volonté à un vieillard qui en devint jaloux. Executée à Villeneuve d'Agen en Agenois, le 12. Septembre dernier.* Paris: S. Lescuyer, 1624.

*Discours merveillable d'un demon amoureux lequel a poussé une Jeune Damoyselle a brusler une riche Abbaye, et couper a gorge à sa propre Mere.* Rouen: A. Cousturier, 1605.

*Le discours d'une très-grande cruauté commise par une Damoyselle nommée Anne de Buringel laquelle a fait empoisonner son mary, son père, sa soeur, deux petis neveux qu'elle avoit et de la mort d'un jeune Gentilhomme qui s'en est ensuyvie, le tout pour la paillardise...* Lyon: J. Bourgeois, 1587.

*Discours tragique et pitoyable sur la mort d'une jeune Damoiselle âgée de dix-sept à dix-huit ans, executée dans la ville de Padouë au mois de Decembre dernier 1596. Avec les regrets qu'elle a faict avant sa mort. Traduit de l'Italien en François.* Paris: A. du Brueil, 1597.

*Histoire miraculeuse et admirable de la Comtesse de Hornoc Flamande, qui a esté estranglée par le Diable dans la ville d'Anvers pour n'avoir trouvé son rabat bien goderonné, le quinziesme Avril. 1616.* Lyon: G. Pailly, 1616.

*Histoire nouvelle et prodigieuse, D'une jeune femme, laquelle pendit son pere, pour l'avoir mariée contre son gré, ses refus, ses regrets, & ses larmes, avec un vieillard, impuissant en amour, jaloux de son ombre, & qui la tourmentoit sans cesse. Executée à Nice, en Piedmont, le 14. jour de Mars 1609.* Moulins: P. Vernoy, 1609.

*Histoire veritable d'une femme qui a tué son mary. Laquelle apres exerca des cruantez inouyes sur son corps. Executée a Soiran en Bourgogne. Distant d'une lieu d'Aussonne Le 18 Janvier 1625.* Lyon: G. Paris, 1625.

LEVER, M. *Canards sanglants: Naissance du fait divers.* Paris: Fayard, 1993.

9

LIEBEL, S. Les Médées modernes: la cruauté féminine d'après les canards imprimés français.

Rennes: PUR, 2013 (no prelo).

*Le Vray discours d'une cruauté exercée par une demoiselle envers son mary, son père, sa soeur et deux de ses nepveux.* Lyon: T. Ancelin, 1598.

*Le vray Discours d'une cruauté exercee par une Damoiselle envers son Marit, son Pere, sa Sœur, et deux de ses Neveux.* Rouen: J. Hubault, 1609.

*Le vray Discours d'une des plus grandes cruaultez qui ait esté veüe de nostre temps, avenue au Royaulme de Naples. Par une damoiselle nommée Anne de Buringel, laquelle a fait empoisonner son mary par un à qui elle promettait mariage, et depuis elle a empoisonné son pere, sa soeur, et deux de ses petits neveux...* Paris: J. de Lastre, 1577.

MUCHEMBLED, R. "Fils de Caïn, enfants de Médée. Homicide et infanticide devant le parlement de Paris (1575-1604)". In: *Annales. Histoire, Sciences Sociales*, 2007/5, p. 1063-1094.